

Aprender a Rezar na Era da Técnica

Posição no mundo de Lenz Buchmann

PRIMEIRA PARTE — FORÇA

Aprendizagem	11
1. O adolescente Lenz conhece a crueldade	
2. A caça	
Uma canção nada apropriada	17
1. Olhemos para o que faz Lenz	
2. Contratos e somatórios	
3. O cérebro	
4. Pede-se mais pão	
O médico na Era da Técnica	25
1. A mão que segura o bisturi	
2. Explosão e precisão	
3. A competência não se define com o coração	
Uma explosão	33
1. A embriaguez dos que sobrevivem	

2. Movimento e imobilidade. Ataque e defesa	
3. Por favor, retire-se, esta sala não é para si	
Regresso à calma	41
1. Capaz de odiar a natureza, capaz de ser odiado por ela	
2. Que importância tem um dedo?	
O irmão	47
1. Algo chama do outro lado	
2. Radiografia e paisagem	
Radiografia e desejo	51
1. Ritual e habituação	
2. Medir o Mal	
3. Cinema	
Reflexões sobre a doença	57
1. Flor negra	
2. Estratégia do Mal	
3. Dois lados e não um	
4. Aproximar-se da montanha	
Um episódio com uma doente terminal	65
1. O pedido	
2. A carta	
3. Toda a gente tem o direito de se despedir	
4. Natureza e outra forma de oração	
5. O Reino	
Momentos decisivos	77
1. A mulher morre, mas antes pede	
2. O último Buchmann	

O funeral de Albert Buchmann	81
1. Um mecanismo que funciona	
2. O que se pode descobrir pelo canto do olho	
3. Mudança fundamental na posição do espírito	
Alguns dos episódios da família Buchmann	89
1. Como Lenz cresceu e se tornou forte	
2. Não há ordem na natureza	
3. Por que razão coisas tão próximas não conseguem falar?	
Entrada no Partido	97
1. Primeiras reacções. Grande e pequeno mundo	
Nova posição no mundo	99
1. O número de pessoas que te reconhecem quando atravessas a rua	
2. Medicina e guerra: duas formas de utilizar a mão direita	
3. Um suicídio que Lenz não esquecerá	
Posições no mundo (inventário)	107
1. Ordem e dinheiro no bolso	
2. Nunca estar assim tão próximo	
3. Uma confissão que terá inúmeras consequências	
A biblioteca	115
1. Como domar um animal sem ter o pulso forte?	
2. Como se separam duas energias que já não se vêem?	
3. Recuperar a potência inicial: nem todos agarram da mesma forma	
4. Esquecimentos e dívidas irrisórias	
5. Uma pequena fraqueza de Lenz Buchmann	

Sobre os homens	127
1. Julia e Gustav Liegnitz	
2. Salvar pedintes	
3. O que vês quando olhas para onde todos olham?	
4. Estratégia e anatomia	
5. O sinal da cruz e a outra marca que Lenz sonha deixar	
6. Podemos falar a sós?	
Diálogo entre dois homens fortes	139
1. Descendo em direcção ao que resta da natureza	
2. Atravessando as ruas da cidade e cruzando-se com um louco	
3. O louco Rafa diverte a cidade	
4. Nem a mais, nem metade	
5. Espíritos da floresta	
6. Que ninguém fique de fora	
7. Não olhes duas vezes para uma coisa perigosa	
O homem público	153
1. A mão de Lenz Buchmann	
2. Transferência de capacidades da medicina para a política	
3. Os pés na igreja	
4. As relações possíveis entre o corpo do homem e o Espírito Santo	
5. A importância do tipo de solo para o funcionamento das coisas	
6. Não pescamos, mandamos barcos ao fundo	
Os Liegnitz e os Buchmann	165
1. Ligações que não se cortam	
2. Julia aprende a escrever correctamente	

Os nomes	169
1. Dois nomes que ganharam força durante séculos preparam-se para um duelo	
2. O alfabeto como forma de achatar o mundo	
Perigo debaixo do solo	175
1. De todos os pontos poderá sair quem tu temes	
O encontro com Gustav Liegnitz	179
1. Uma gargalhada precipitada	
Outro diálogo entre Buchmann e Kestner	181
1. A articulação partida	
2. Fugir para a Bastilha por causa da chuva	
Uma reflexão	185
1. Perder tudo: perder a razão, perder o domínio	
Agarrar na parte de dentro das leis sem queimar os dedos	189
1. Dêem-me uma razão para não matar os mais fracos	
O desejo	191
1. E um incómodo	
Brevíssimas considerações sobre Gustav Liegnitz	193
1. Nem sempre um surdo-mudo é amável	
O louco aparece no sítio errado	195
1. De manhã, na sede do Partido	
2. É preferível ver de cima a ser puxado para baixo	

Indícios do aparecimento de uma nova civilização	199
1. Não ouças o que dizem os sacerdotes	
2. Não a totalidade: um braço do mundo	
3. Especialistas amedrontados por um universalista	
4. A importância da electricidade	
5. O papel das crianças	
Como caçar presas grandes?	211
1. Distância e competência	
2. Elogio da lentidão	
3. Por enquanto não	
4. Dois medos	
5. O exemplo da caça	
6. Mais um aviso a que não se dá atenção	
Espectadores e espectáculo	223
1. Quantos estão do teu lado?	
2. Quem escolhes como espectador?	
Um acontecimento trágico	227
1. O espectador levanta a cabeça	
2. A notícia chega à cidade	
Ainda mais força — Uma explosão no teatro	233
1. Fabricar o perigo, mas não o industrializar	
2. O primeiro medo; aprender na floresta, aplicar na cidade	
Mais para cima ainda	237
1. A biblioteca aumenta a sua força	
2. Enquanto olhas para outro lado, pancadas na cabeça	
3. A vitória inacabada	

O diagnóstico da doença	243
1. Olhar para o mesmo de maneira diferente	

SEGUNDA PARTE — DOENÇA

Acordar no meio de máquinas e ficar agradecido	247
1. A mão perde peso	

Um novo corpo regressa a uma nova casa	251
1. Mudanças íntimas	
2. Dois novos inquilinos vêm para ajudar	
3. A harmonia não é possível, mas podemos tentar	
4. De sucessivas inundações discretas se afogará o mundo	

A existência de roubo, mas a ausência de ladrão	261
1. Alteração da visão e do objecto observado	

A importância dos nomes	263
1. Apagando coisas que se podem apagar	
2. Finalmente, filho único	

De que metal são feitas as mãos?	269
1. Esquecimento de um nome	

Esconder o lixo da cidade	273
1. Há muito mais sons na terra do que os homens imaginam	
2. Porque falam entre si os homens do lixo?	
3. O presidente Kestner continua compreensivo	

Uma tarefa nocturna	281
1. Que os sinos toquem com o movimento da minha mão	
Consultar o horário	285
1. Perder o controlo ou criar um mundo?	
Na estação dos comboios	289
1. A constatação de que não recebemos o olhar dos outros da mesma forma que eles o emitem	
2. Da plataforma de embarque ao lugar na carruagem; ou dois tempos que nem sempre coincidem	
O regresso ao túbulo do pai	295
1. Diálogo sem testemunhas. De que se terá falado? Quem falou?	
2. Pequenos movimentos que se perdem numa pequena viagem	
Uma intimidade imprevista	301
1. Julia	
Mudanças significativas na casa	303
1. O mundo não pára	
Avançar até ao fim	305
1. A fechadura	
A compaixão é eterna	309
1. A esmola não	
Não esquecer o que não pode ser esquecido	311
1. Aprender a ler	

O centro desloca-se	315
1. Até o surdo-mudo quer participar	
2. Brincadeiras que se podem fazer com quem perdeu a razão	
Uma surpresa atrás das costas	321
1. Esticar e alongar	
Último exame	323
1. Procurar coisas grandes	
2. O martelinho de criança	
3. O peso que a mão suporta (perguntas difíceis)	

TERCEIRA PARTE — MORTE

O suicídio prepara-se	333
1. Tal pai, tal filho	
2. Se não sou eu, és tu	
Julia passeia pela cidade	337
1. O que estará a acontecer na casa de Buchmann?	
2. Terá já acontecido algo?	
3. A importância de um dedo	
Última tentativa para a Palavra ser ouvida	345
1. Solidez e resistência	
2. Por favor, avance	
3. De um lado perde-se, do outro ganha-se	
Epílogo	351
1. A luz	

PRIMEIRA PARTE

FORÇA

Aprendizagem

O adolescente Lenz conhece a crueldade

1

O pai agarrou nele e levou-o ao quarto de uma empregada, a mais nova e a mais bonita da casa.

— Agora vais fazê-la, aqui, à minha frente.

A criadita estava assustada, claro, mas o estranho é que parecia que ela estava assustada com ele e não com o pai: era o facto de Lenz ser um adolescente que assustava a criadita e não a violência com que o pai a disponibilizava ao filho, sem qualquer pudor, sem sequer ter o cuidado de sair. O pai queria ver.

— Vais fazê-la à minha frente — repetia.

Estas palavras do pai marcaram Lenz durante anos. Vais fazê-la.

O acto de fornicar a criadita era reduzido ao mais simples: a um fazer. Vais fazê-la, era a expressão, como se a criadita ainda não estivesse feita, como se fosse ainda uma matéria informe, que esperasse o acto dele, Lenz, para ser acabada. Esta mulher ainda não está feita antes de tu a fazeres, pensou o adolescente Lenz, de uma forma clara, e os gestos seguintes foram os gestos de um trabalhador, de um empregado que obedece às indicações de um encarregado mais experiente, neste caso, o seu pai: vais fazê-la.

— Despe as calças — foi a segunda frase do pai.

— Despe as calças.

O adolescente Lenz despiu as calças. E todas as ordens que se seguiram foram dirigidas exclusivamente a si; ou seja: o pai não dirigiu uma única frase à criada — ela sabia o que havia a fazer e fez o que tinha de fazer, máquina que não tem alternativa. Ao contrário do adolescente Lenz, que, apesar de tudo, poderia dizer ao pai: não quero.

— Despe as calças — ordenou o pai.

Lenz é conduzido, depois, quase empurrado, pelo pai até à criada, que está deitada e espera.

— Avança — disse o pai, com rudeza.

E o adolescente Lenz, determinado, avançou sobre a criada.

A caça

2

Lenz calça as botas e prepara-se para a caça. Primeiro o ritual de domínio sobre os pequenos objectos imóveis: as botas, a arma, o colete pesado.

Aqueles movimentos eram os que melhor contribuía para formar o ser humano. E que bom atirador ele era.

Por seu turno, os elementos ágeis da natureza reivindicavam uma desobediência que não era tolerável. Lenz ia caçar devido a uma certa determinação política. Um coelho era um adversário minúsculo, mas obrigava-o a tomar uma posição em cima da terra, dentro do mapa de combate. Um opositor mesquinho — um coelho — obrigava Lenz a uma tensão muscular, a um ligar da astúcia: não bastava a pontaria nem a capacidade mecânica da arma, era ainda necessária uma atenção intelectual, uma atenção da inteligência; só as coisas imóveis dispensavam esta atenção de Lenz.

Entre ele, Lenz, e a peça de caça, ainda viva, havia uma negociação prévia: ele recusava-se a matar um único animal nos primeiros minutos. Havia a exigência de habituação, um respeito em relação a um espaço que se invade. Aquela não era a sua casa.

Os vinte minutos em que não disparava eram o limpar dos pés ao tapete à entrada de uma casa estranha. A estranheza existia no bosque e, não havendo porta de entrada nem tapete, Lenz percorria, durante vinte minutos, os caminhos que a natureza, com a sua estupidéz muito própria, deixara espontaneamente para os homens passarem.

Havia no bosque uma outra lei. No bosque a moral era indelicada, rude, era o mesmo que entrar no quarto da criadita, enquanto adolescente; naquele quarto dos fundos, com cheiros muito diferentes dos que existiam na casa principal, na casa dos pais. No quarto da criadita, ser delicado era ser fraco e constituiria de tal forma um erro absurdo que até a criadita protestaria perante qualquer gesto carinhoso do filho do patrão.

No bosque as virtudes não haviam sido invadidas pela sensação de mofo; uma outra potência estava suspensa sobre o seu caminhar por entre as árvores robustas, mas tortas, que escondiam centenas de existências animais; existências que eram, afinal, *peças de caça*, num resumo extraordinariamente sintético também das relações humanas.

Lenz não tinha ilusões: só não entrava numa qualquer rua da cidade com a mesma cautela e com a arma preparada para disparar porque, naquele outro espaço, algo ainda inibia o ódio: a mútua vantagem económica.

O aparente equilíbrio entre vizinhos do mesmo prédio era o que existia num homem de elevada estatura um instante antes de, desamparado, pousar o primeiro pé num pântano. A frase *primeiro o senhor*, dita por alguém, num café, a um outro cliente que entrasse ao mesmo tempo, aceitando assim beber algo depois de o primeiro ser servido, era uma frase de guerra, de pura guerra. Todas as frases de simpatia podiam ser vistas, segundo um outro olhar, como frases de ataque. Ao deixar passar o outro à frente, um homem não estava a aceitar ser segundo, mas sim a preparar o mapa do terreno para

poder controlar visualmente o homem que por instantes se julgava em primeiro lugar. A vantagem de alguém estar à nossa frente, dissera uma vez o pai de Lenz, é estar de costas viradas para nós. Importa o lugar onde estamos mas, acima do mais, o campo de visão e a posição relativa.

No entanto, Lenz cedo percebera que era necessário um suporte, um sítio ao qual o corpo se encoste sem medo de ser atraído; no fundo, uma parede que não corra o risco de desabar. A família seria a sua parede, o ponto a que poderia encostar a nuca (pois mesmo num ataque vigoroso quem ataca tem nuca, e essa fragilidade jamais pode ser esquecida).

Lenz preparou a arma, encostou o aço da coronha ao peito — peito que batia com força — e, pensando na criadita que há mais de dez anos, debaixo dos incentivos do pai, o servira pela primeira vez, apontou e disparou.

Ouviu depois um guincho, que noutra situação juraria poder ter saído das rodas de um carro, e, após um segundo de estupefacção inexplicável, começou a correr na sua direcção. Em breve, o sangue tornou-se marcante naquela parte do bosque, porém Lenz não conseguiu apanhar o animal.

Tinha conseguido ferir o inimigo, mas não eliminá-lo. Ainda não o poderia comer.

Uma canção nada apropriada

Olhemos para o que faz Lenz

1

Lenz, furando por completo os seus hábitos, decidiu naquela noite deixar entrar um pedinte.

Lenz ria-se.

— Dou-lhe o seu pão.

A pedido de Lenz, a mulher trouxe o jornal do dia. Enquanto o entregava, disse-lhe:

— Por favor, dá-lhe o que ele quer e manda-o embora.

Lenz acariciou ao de leve o rabo da mulher e riu-se para o vagabundo. Pediu que ela saísse:

— Conversas de homens — e sorriu de novo.

— Já viu estas notícias? — perguntou Lenz ao vagabundo, enquanto lhe estendia o jornal com a primeira página virada para cima.

— Estou com fome — disse o homem.

Lenz não respondeu. Tinha ainda o jornal na mão.

— Veja isto: o presidente diz que a população finalmente começa a ter algum sossego. Vê? Que sossego é este? Conhece-o?

— Por favor... — repetiu o homem.

Lenz continuou a ler os títulos da primeira página:

— «Há uma nova classe em ascensão: os negociantes começam a chegar com o seu dinheiro aos cargos políticos e começam a preocupar-se com a situação do país, em vez de se preocuparem, em exclusivo, com a situação da sua fábrica.» Ouviu isto? — pergunta Lenz.

— Não me humilhe — disse o homem.

Lenz pediu-lhe para não ser ridículo.

— Deve respeitar o país. Sabe o hino? Vou dar-lhe comida. Quer? E dinheiro?

O vagabundo mexeu-se ligeiramente. Estava em pé: Lenz ainda não permitira que ele se sentasse no pequeno banco que estava vazio, ao seu lado.

— Mas cante primeiro o hino — pediu Lenz. — Em qualquer situação... Não perder o sentido da existência, percebe? Os deveres de cada homem, depois de nascer num certo país; entende isto? Sabe o hino? Posso pedir-lhe para cantar? Ainda temos tempo. A comida está a chegar. Vamos, avance, por favor, peça-lhe.